

## FEIRA LIVRE: DINÂMICAS ESPACIAIS E RELAÇÕES IDENTITÁRIAS

**Patricia Teresa Vaz Boechat**

**Jaqueline Lima dos Santos**

Mestrandas do Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória  
e Desenvolvimento Regional da Universidade

Estadual da Bahia - Campus V.

E-mails: patichat@hotmail.com

jackuneb@gmail.com

### Resumo

Desde o seu surgimento, a feira livre é um local de relações econômicas, sociais e culturais, tornando-a um lugar de construção de espaço e identidade, relacionados intimamente com todos os seus agentes partícipes. Estas relações modificam o contexto histórico momentâneo e definitivo, bem como criam sempre algum tipo de relação identitária. A feira livre objeto de análise, está inserida no centro do município de Santo Antônio de Jesus, estado da Bahia, onde ocorre nos dias de quarta-feira, sexta-feira e sábado; dias em que centenas de pessoas do local e de outros lugares interagem comercialmente e culturalmente, tecendo as múltiplas sociabilidades. Este estudo objetiva exercer uma reflexão sobre o espaço criado e modificado pelas feiras livres e a relação de identidade existente entre os envolvidos no contexto formativo destes locais. Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisas teóricas e a aplicação de questionário entre feirantes e fregueses.

**Palavras-chave:** feiras livres, espaço, identidade.

### Introdução

Uma feira constitui num município um espaço que se caracteriza através de uma função social que muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista. É um espaço com muita especialidade, cheio de sons, movimentos, coloridos e personagens, que interagem com o

seu histórico e suas relações de identidade; o que nos leva a imaginar a importância da feira e como seria cada cidade sem este ícone de história local e de sentimento de pertencimento.

Os participantes sejam os comerciantes ou os fregueses, vindos de variadas localidades, viajam atravessando fronteiras estaduais, regionais e municipais carregados de objetos e produtos que serão comercializados na feira. Pessoas de todas as idades advindas da zona rural, e de outros municípios também se mobilizam para participarem de mais um dia de feira, proporcionando uma manifestação sócio-econômica e cultural. Todo este movimento proporciona uma rotatividade de distribuição espacial, fazendo da feira um local de constante mobilidade comercial e humana.

Mesmo com a importância sociocultural das feiras livres, raros são os trabalhos de pesquisa nesta área, e quando existem na maioria das vezes possuem um caráter estritamente mercadológico, perdendo de vista os aspectos sociais, culturais e de identidade.

Este trabalho se propõe a pesquisar e visualizar a dinâmica construtiva do espaço da feira livre de Santo Antônio de Jesus e a realização de seus agentes sociais nesta construção, considerando suas relações de identidade, tanto com a feira, como entre si, formando um conjunto modificador do ambiente. O município de Santo Antonio de Jesus localiza-se na região Centro-Leste do estado da Bahia, e limita-se com os municípios de Aratuípe, Dom Macedo Costa, Muniz Ferreira, São Miguel das Matas, Conceição do Almeida, São Felipe, Varzedo e Laje.

Os métodos de pesquisa utilizados no trabalho que originou este artigo foram aplicados com feirantes e fregueses, tanto do município como de outras localidades, técnicas estas suficientes para subsidiar a estrutura do estudo. Os questionários foram direcionados diferentemente para feirantes e fregueses. Com a finalidade de mensurar dados comparativos entre os entrevistados, foram aplicados questionários contendo questões objetivas e dissertativas, as quais foram analisadas comparativamente as destinadas igualmente aos dois grupos, e individualmente as destinadas a cada público em particular.

Através de uma análise, pode-se verificar a importância da feira livre no cotidiano de uma comunidade, e como a relação com este espaço torna a feira um local de vivência único e diversificado em virtude dos diferentes objetivos que direcionam as pessoas para a feira.

## **Feiras livres: breve histórico de origem e dinamicidade do espaço**

Desde a antiguidade, as feiras têm como principal objeto promover trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares, com diferentes produtos, com a principal finalidade de suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo. A partir da queda do feudalismo e o surgimento do capitalismo, esse modo de comércio começou um processo de sistematização e passou a ganhar uma nova importância econômica.

Inicialmente o surgimento das feiras foi francamente impulsionado pelas Cruzadas, visto que, naquela época, era necessária uma forma de atividade comercial que atendesse às necessidades dos comerciantes e viajantes.

Com o passar do tempo e através da produção excedente e da necessidade de outros produtos não produzidos, se iniciou o processo de troca de produtos. Esta atividade de troca é tão antiga como a própria história do homem, e com o seu crescimento, surge o comerciante, iniciando então a divisão social do trabalho. A feira exerceu papel importante na implantação do dinheiro, na manutenção do capitalismo e no surgimento das cidades.

Esta atividade comercial começou itinerante, mas com o passar do tempo começou a surgir uma necessidade natural de um local que promovesse a opção de todos os produtos, e que estivessem disponíveis para trocas e comércio. Com o tempo, provavelmente o número de pessoas foi aumentando, e o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e, é claro, cobrar os impostos.

Desde o tempo da colônia as feiras livres existem no Brasil, e mesmo com os adventos da modernidade, elas permanecem vivas, sejam em grandes ou pequenas cidades. Nas pequenas cidades do país elas são o principal e, às vezes, o único local de comércio da população.

Nos tempos modernos, as feiras têm uma variedade grande de produtos disponíveis, desde produtos sofisticados até pequenas coisas que a classe mais pobre precisa. As feiras são a maior e mais completa representação de mercado e até hoje constituem um ponto de encontro entre compradores e vendedores.

## **A dinamicidade do espaço na feira livre**

O espaço urbano advém de diferentes relações que começaram no passado e continuam existindo no presente, sendo este espaço humano, porque o homem o constrói e o reproduz através de diferentes classes sociais. Este espaço está ligado à produção, pois é nesta que o processo produtivo social acontece, sendo fragmentado em virtude de cada um manter relações espaciais entre si e com o todo, o que gera uma movimentação de fluxos de pessoas, veículos e produtos.

Como definição de espaço, este seria um conjunto de objetos e relações que se relacionam com os referidos objetos, para os quais eles servem de intermediários (SANTOS, 1988).

Para Raffestin (1993) o espaço é ocupado por pessoas ou agrupamentos que se colocam ao acaso, regulares ou concentrados, e através de relações variadas, surge um sistema de malhas, nós e redes, constituindo o território, diferenciando em seu funcionamento através das ações dos indivíduos. Ainda segundo o autor, os variados modelos urbanos são praticamente de mesma estrutura, diferenciando-se pelo comando, originado de diferentes objetivos e ações. Então se entende como as feiras livres são tão variadas em função do fornecimento de produtos e das relações de trocas e vendas, sendo dotada de características muito particulares em cada local.

Segundo Harvey (1996), a compreensão do tempo e do espaço, é originada através de processos materiais que são utilizados pela representação da vida social, logo, cada sociedade, cada meio, produz sentimentos diferentes, proporcionando o surgimento do espaço de maneira individualizada de acordo com suas origens, por isso não se pode entender tempo e espaço separadamente de ação social, pois as relações de poder sempre estão implícitas nas práticas temporais e espaciais.

A feira de Santo Antônio de Jesus surgiu como a maioria das outras feiras livres, através de trocas e vendas de produtos de necessidade básica. Porém, com a diversidade

dos produtos, o espaço ocupado pela feira foi aumentando, e com isso a variedade de freqüentadores também, modificando a paisagem local e diversificando o conjunto de produção de trocas e sentimentos.

No contexto de Santos (2000), o espaço tem sua própria história que se origina da conjunção entre as características da materialidade territorial e das ações; e, é necessária a promoção da circulação de vários fatores como homens, dinheiro, informações, mercadorias, etc. Deve-se considerar os chamados subespaços onde existe intensa circulação e outro com menos intensidade, podemos falar em espaços de fluidez e espaços viscosos.

As horizontalidades e as verticalidades promovem uma nova construção do espaço com um novo funcionamento. As horizontalidades estão representadas pelos lugares contíguos, ou seja, vizinhos; e, as verticalidades, seriam relações entre pontos distantes entre si, ligados por formas e processos sociais, expõe Santos (1998). Baseado nesta fundamentação pode-se observar uma associação de horizontalidade com a feira livre em estudo, visto que ela representa para o município um evento de grande importância comercial, que altera a rotina do meio, tendo como exemplo o grande caos que se torna a malha viária local nos dias em que a feira acontece. Já em relação às verticalidades, as pessoas de vários municípios vizinhos e distantes se deslocam para a feira de Santo Antônio de Jesus com o intuito de comprar ou negociar algum produto.

Em Raffestin (1993), a formação do território não surgiu baseada em traços geométricos, mas sim em relações de poder. Isso indica que o espaço representado não é mais reconhecido como espaço, mas como a imagem do espaço visto e/ou vivido. O espaço construído da feira livre adquiriu com o tempo e com as agregações da história local, características próprias que promoveram o surgimento das rugosidades, que se caracterizam por espaço construído e o tempo da história que se modificou desenhando uma paisagem, que se agrupou aos espaços; sendo, portanto, o espaço, a testemunha de um instante produtivo pela lembrança do espaço construído, complementando com Santos (1978).

Como resultado das pesquisas de campo com fregueses, podemos observar no Gráfico 1, as principais vantagens de comprar na feira livre, e 38% dos entrevistados concordam que é uma grande vantagem a oferta de produtos frescos, seguido pelos 29% da vantagem dos preços mais baixos.

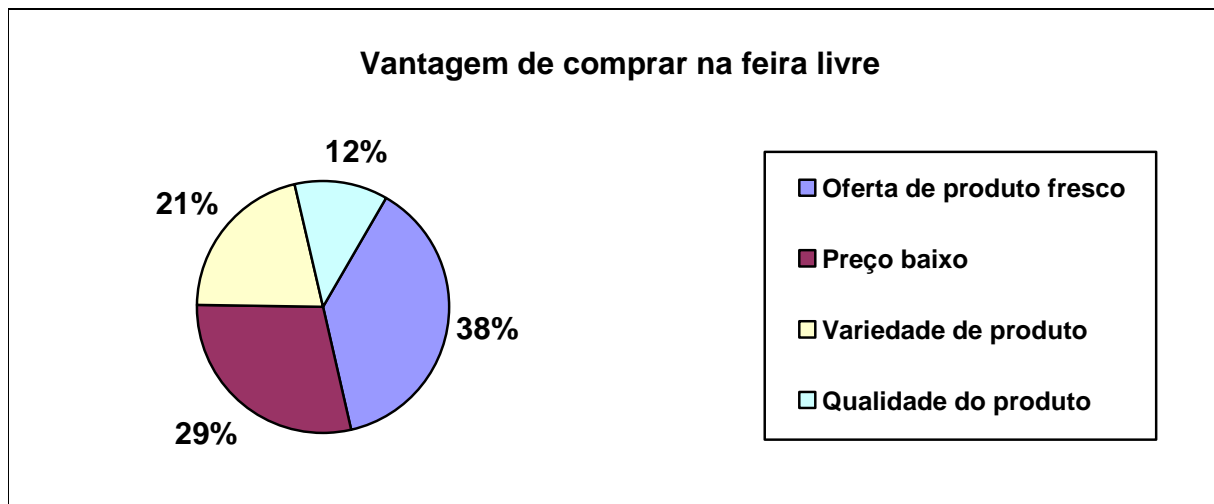


Gráfico 1 - Vantagem de comprar na feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA.

Fonte: Dados da pesquisa - 2009

O espaço geográfico está em constante transformação, pois em função de suas especificidades, sendo cada lugar representante de uma parte de total, que reproduz em um determinado momento e em uma determinada sociedade as relações existentes (COSTA, 2003).

### **As relações de identidade**

Todos têm uma história de identidade e origem, e junto com esta tem inserido algum momento de lembrança em que a feira estava relacionada, seja no âmbito alimentar, no de lazer, ou no de historicidade local. A feira livre tem esse caráter diversificado, onde circulam por ela vendedores, compradores, transeuntes, personagens e outros participantes variados. Estas pessoas circulam muito, examinam, pechinham ou simplesmente estão à procura do

que desejam, sendo que outras já têm seus feirantes preferidos, conhecem estes de longa data e às vezes criam laços de afetividade mais profundos tornando-se mais amigos do que fregueses. No meio de toda esta distribuição, surgem os ambulantes, os transportadores, os contadores de histórias, gerando assim um verdadeiro “tumulto” perfeitamente arranjado onde acaba funcionando de maneira certa e atendendo a todos em seus anseios.

As feiras consistem em um local de relação social, um espaço de trocas de saberes e de hábitos culturais, como expressa Bourdieu (1989), onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através de trocas, aprendizagens e obtenção de novos saberes e experiências vividas pelo outro. O freguês, colaborando com o seu saber da cidade para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber do rural, através do contato com a natureza e dos processos naturais produtivos.

Para Ribeiro (2007) os feirantes amanhecem na cidade transportando os produtos para vender, comprar, barganhar, trocar e participar do grande acontecimento da sociedade que é a feira. Sendo as feiras sonoras, sendo dissolvidas na paisagem local, realizam um movimento considerado pequeno, e como atendem uma parcela restrita e geram um movimento que dilui na economia informal, raramente são incluídas em programas de geração de renda e desenvolvimento. As feiras livres têm uma atenção pequena se comparada ao movimento econômico que promovem, visto que as feiras geram ocupação de renda e identidade regional. Geralmente se expandem ao invés de se reduzirem, pois alimentam essa cultura territorializada que passa a se tornar um espaço de manifestação de identidade. Os lavradores-feirantes são favorecidos, pois comercializam produtos de difícil inserção em outros mercados, sendo sua prioridade de produção baseada na cultura alimentar local, associada a um abastecimento dos alimentos com maior qualidade.

Conforme a pesquisa que norteia este trabalho, observamos no Gráfico 2 que a grande maioria afirma que a maior mudança ocorrida nos dias de feira livre é na dinâmica do trânsito, com um percentual de 40%, seguido pelos 32% de pessoas de outras localidades, o que aumenta as relações de identidade com pessoas de realidades diferentes.

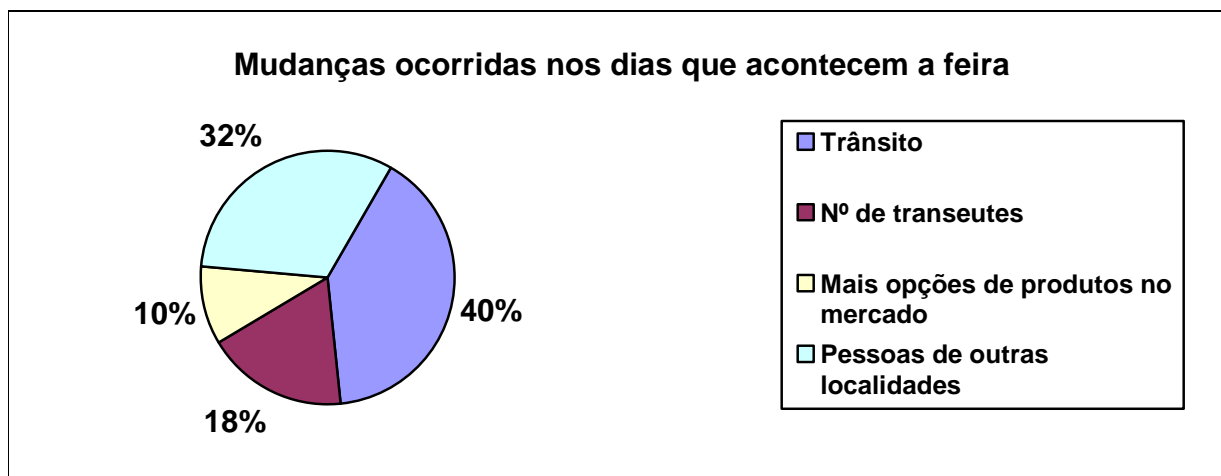


Gráfico 2 - Mudanças ocorridas nos dias que acontecem a feira de Santo Antônio de Jesus-BA.

Fonte: Dados da pesquisa - 2009

É o uso do território, e não o território propriamente dito que faz dele um elemento de estudo social. O território é constituído de formas, mas o utilizado são objetos e ações que igualam a um espaço humano, ou seja, habitado, é o que expressa Santos (1998). O espaço tem sua forma, porém sem a ação vivida pelo homem ele deixa de ser utilizado, e conseqüentemente deixa de ser construído.

A feira livre constitui-se também numa espécie de reprodução social, constantemente descartada como tema de estudo pela ciência econômica, se configura um local de troca de saberes, onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através da aprendizagem, somando e adquirindo novos conhecimentos e experiências vividas pelo outro. Nesse ínterim ocorrem as trocas de saberes e conhecimentos entre o consumidor e o feirante, cada um com sua bagagem individual de seu mundo de origem e vivência.

A feira se configura mais que um ponto comercial da agricultura familiar, pois nesse meio circulam bens, culturas e pessoas, sendo uma partilha entre economia e cultura, sendo formadas representações de sociedades rurais, onde ocorrem encontros e articulações políticas. Os feirantes promovem trocas que se baseiam na particularidade, na solidariedade, na complementariedade e informalidade que resultam na consolidação histórica dessas relações sociais. Para consolidar um nome no mercado, o produtor precisa ter uma boa



relação com os vizinhos, consumidores, poder público; o que nos mostra ser um real retrato da sociedade rural (RIBEIRO, 2007).

Em um ambiente tão diferenciado como a feira livre, a relação solidária, geralmente liga indivíduos ou grupos, que mesmo sendo diferentes, em várias instâncias, sejam culturais, de poder ou recursos, é a situação objetiva que determina o grau de relação desenvolvida entre os envolvidos, quem presta solidariedade e quem a recebe.

Castells (2005), afirma que as "redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e da experiência, poder e cultura".

Na feira existe uma característica organizacional entre os vendedores, é o seu elevado espírito de grupo, bem como o alto nível de confiança existente, quer seja entre os próprios feirantes, entre os consumidores e feirantes e vice versa, promovendo assim um processo de troca mútua de bons sentimentos. É perceptível também que não existe o mesmo sentimento de concorrência e individualismo existente no comércio lojista.

Em questionamento feito sobre a troca de saberes e cultura entre feirantes e fregueses, 39% reconhecem que têm uma relação de identidade quando trocam receitas e hábitos alimentares; 26% afirmam que existem as relações de sentimentos; sendo ambas as opções interligadas e promotoras de ligações íntimas e identitárias.

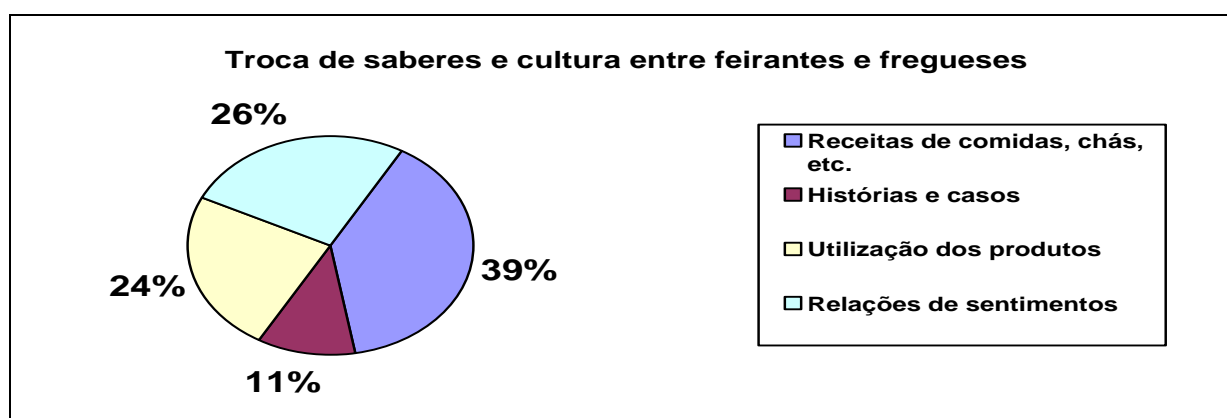


Gráfico 3 - Troca de saberes e cultura entre feirantes e fregueses em Santo Antônio de Jesus-BA.

Fonte: Dados da pesquisa - 2009

## **Considerações preliminares**

Os resultados obtidos através da análise dos questionários e da observação da feira livre de Santo Antônio de Jesus nos mostram que ela é muito freqüentada em todos os dias de seu funcionamento por variados interesses; e, onde pessoas de lugares, culturas, idades, religiões, interesses e classes sociais diferentes se encontram, modificando o espaço através da dinâmica local e interagindo culturalmente, seja por relações comerciais, afetivas ou identitárias.

O espaço em que se realizam as feiras é muito importante, pois ali ocorrem relações sociais que passam de geração para geração, assim como pela sobrevivência desta prática comercial tão antiga, que resiste até hoje, e permite que os pequenos produtores ou comerciantes ambulantes e informais negociem seus produtos. Nos dias de quarta-feira, sexta-feira e sábado, quando ocorrem as feiras tradicionais, o fluxo de veículos é tão intenso que a malha viária interna fica congestionada alterando a estrutura da cidade nos dias de funcionamento, momento em que a cidade vira um verdadeiro “burburinho” de pessoas, com sons e movimentos, agitação e confusão.

As relações de identidade entre os participantes variam de acordo com cada indivíduo, alguns vão exclusivamente ou tradicionalmente comprar, outros se divertirem, passearem, encontrarem, e vários outros interesses que cabem perfeitamente no contexto da feira, em virtude desta ser um local diversificado humanamente, e sujeito às variadas sociabilidades, as quais promovem as enriquecedoras trocas de saberes.

## **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, P. “A gênese dos conceitos de hábitus e campo” In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Difel, 1989.

COSTA, A. F., CLEPS, G. D. G., **A inserção da feira-livre no espaço urbano de Uberaba-MG** <http://www.ig.ufu.br/2srg/5/5-73B.pdf>, acesso em: 21/07/2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8.ed. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 8ª Ed. São Paulo, 1996.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, E. M., **Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais**. Banco do Nordeste do Brasil; Universidade Federal de Lavras, Fortaleza, 2007.

SANTOS, M., **Território e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_ **Território: globalização e fragmentação**. 4. ed Sao Paulo: Hucitec, ANPUR, 1998.

\_\_\_\_\_ **Espaço e método**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_ **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_ **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC/ EDUSP, 1978.